

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
URI ZOHAR – INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA
9 e 13 de Outubro de 2023

TARGIL BE'SMALIM PSHUTIM / 1961

“Variações de Símbolos Simples”

um filme de Uri Zohar

Realização: Uri Zohar / Argumento: Uri Zohar a partir da obra “Sobre o Teatro de Marionetas” de Heinrich Von Kleist / Com o marionetista Claude Kipnis / Produção: (Israel, 1961) / Cópia: em ficheiro (suporte original em 35 mm), preto e branco, sem diálogos / Duração: 14 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

HOR BA'LEVANA / 1965

“Um Buraco na Lua”

um filme de Uri Zohar

Realização: Uri Zohar / Argumento: Amos Kenan / Fotografia: David Gurfinkel / Montagem: Anna Gurit / Música: Michel Columbia / Direcção Artística: Igaël Tumarkin / Com: Uri Zohar, Avraham Heffner, Arik Lavie, Shmulik Kraus, Shoshana Shani-Lavie, Israel Gurion, Zeev Berlinsky, Shaike Ophir, Yael Aviv, Amos Avni, Dahn Ben Amotz, Christiane Dancourt, Daphna Eilat, Zaharira Harifai, Yechezkel Ish Kasit, Iche Mambush, Bomba Tzur, Shlomo Vishinsky / Produção: Geva Film Ltd. (Israel, 1965) / Produtor: Mordecai Navon / Produtor Executivo: Amatsia Hiuni / Cópia: em DVD (suporte original em 35 mm), preto e branco, versão original em hebraico, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 75 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Duração total da projecção: 89 minutos.

Sessão de dia 9 apresentada por Ariel Schweitzer.

AVISO: Problemas relativos à cópia disponibilizada pelo distribuidor de **Hor Ba'levana** / “Um Buraco na Lua”, que se revelaram inultrapassáveis, impedem que possamos mostrar o filme em versão digital de alta definição, pelo que somos forçados a exibí-lo numa cópia de pior qualidade.

Na nota do programa da Cinemateca escrevia-se que “em **Hor Ba'levana**, dois vendedores de quiosques mudam-se para o deserto e, quando confrontados com o vazio do local, decidem construir uma cidade de papelão, como um cenário de um filme, a partir da qual as fronteiras entre ficção e realidade começam a dissolver-se.” Trata-se como também aí se diz de uma corrosiva sátira à Israel dos anos 60, em que se critica

simultaneamente a propaganda governamental israelita e o próprio cinema e a sua espectacularização.

Zohar é frequentemente apontado como o precursor do moderno cinema israelita que terá influenciado toda uma geração posterior, sendo conotado com uma geração da Nova Vaga. Hoje, na sessão inaugural do programa, Ariel Schweitzer, especialista em cinema israelita (e autor da monografia “*Le cinema israélien de la modernité*”), que acompanhará várias destas sessões e apresentará uma conferência sobre Zohar, aproximou-o mais a Jean Eustache, que a Jean-Luc Godard, nome com que frequentemente é comparado, pelo carácter de pequena escala das suas produções e pela associação com uma certa ideia de revolução sexual, tão bem expressa em **La maman et la putain** (1973) ou, no mais raro e artesanal, **Une sale histoire** (1977).

Mas se de Zohar só conhecermos este filme, **Hor Ba'levana/“Um Buraco na Lua”**, pensamos mais directamente nas suas ligações óbvias com o cinema marginal brasileiro, como o feito na Boca do Lixo nos anos 1960 e 1970 (ao qual já dedicámos um grande ciclo na Cinemateca), pois o cineasta é também ele um pioneiro no modo como cruza a herança do cinema moderno e dos novos cinemas que surgem pelo mundo fora, com um cinema popular que acaba por agradar ao grande público. Um cinema independente que, cortando com o cinema que o antecede, corta a direito, sem fazer concessões, envolvendo muito humor negro e bastante acção, cujo espírito está bem expresso em títulos desse cinema brasileiro como **A margem** (Ozualdo Candeias, 1967), **Essa Rua tão Augusta** (Carlos Reichenbach, 1966-69), **O Bandido da Luz Vermelha** (Rogério Sganzerla, 1968), **Matou a família a foi ao cinema** (Júlio Bressane, 1969) ou **Orgia, ou o Homem que Deus Cria** (João Silvério Trevisan, 1970).

Tratava-se de um cinema moderno que, face a um sentimento de impotência face à situação política vigente, experimentava os limites do humor e mesmo da abjecção, um cinema que confundia, mais do que explicava, que explorava o prazer dos corpos, criando um mundo paralelo, como o da cidade de papelão no meio do deserto de **Hor Ba'levana/“Um Buraco na Lua”**. Um mundo sempre em excesso com uma relação profunda com o universo mais popular, razão pela qual Zohar conseguiu ser tão produtivo na dezena de anos que dedicou ao cinema, mas também à televisão, filmando incessantemente. Um período prolífero que antecedeu a sua conversão à ortodoxia religiosa e o abandono do cinema, que, segundo se conta, terá acontecido subitamente no meio de uma rodagem. Tal como a já referida corrente do “cinema marginal” brasileiro, o cinema de Zohar está enformado desde o seu início por uma profunda consciência do cinema, fazendo uma crítica explícita ao próprio mundo do cinema e à sua influência ao nível da cultura de massas, numa postura assumidamente *underground*. No fundo trata-se de uma crítica a uma “sociedade do espectáculo” que abusa do absurdo e do nonsense absoluto.

Hor Ba'levana/“Um Buraco na Lua”, na sua natureza algo inclassificável, em que impera um particular sentido de comédia e de humor – o gáudio instalado com as candidatas a actrizes no seu casting, imitações baratas de Brigitte Bardot, etc. – relaciona-se simultaneamente com um cinema de vanguarda, entre a vertente mais

diarística de um Jonas Mekas, e a mais selvagem de um Jack Smith ou de um Andy Warhol, na sua fase mais *trash*. Mas também encontramos ecos de um cinema directo nas entrevistas de rua que contam com a participação activa de Zohar, que atravessa em pessoa grande parte dos seus filmes. Na sua sátira a Israel enquanto terra sagrada e terra de eleição imigrantes vindos de todo o mundo, percebemos como os extremos se tocam, e como esta primeira longa de Zohar se aproximará da última, **Lool** (1988), ou de parte da última, pois dela só vimos até agora um excerto de sete minutos que Ariel Schweitzer escolheu para preceder **Shlosa Yamim Ye'Yeled**/"Três dias e uma Criança" (1967), o filme que inaugurou esta retrospectiva, a obra mais conhecida de Zohar, que teve estreia em no Festival de Cannes.

A sessão de **Hor Ba'levana**/"Um Buraco na Lua" abre com a primeira curta-metragem do cineasta, **Targil Be'smalim Pshutim**/"Variações de Símbolos Simples", uma adaptação muito livre de "Sobre o Teatro de Marionetas", de Heinrich Von Kleist, que corresponderá ao filme mais experimental de Zohar. Um trabalho poético e muito simbólico, que conta com a participação do marionetista Claude Kipnis, cujo sentido não conseguimos atingir na sua plenitude, mesmo conhecendo bem o texto de Kleist, dado faltar-nos muito do contexto de uma realidade tão complexa como a vivida em Israel naqueles anos. Os trágicos acontecimentos dos últimos dias reenviam para a complexidade de uma realidade difícil de abordar, muito particularmente para quem está de fora. Mas como se dizia também hoje na sessão de abertura, até por isso há que preservar o cinema enquanto arte e forma de liberdade.

Joana Ascensão